

Ano-33
n 121



Maio
1968

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ"

1.º DE MAIO

PÁGINA
CENTRAL



VIETNÃ

Após 8 anos de guerra, mais de 2 milhões de cansados lutam numa guerra sem fim. De um lado jovens norte americanos a empunhar armas por um ideal, todo próprio, de emancipação e integração de uma certa forma, e de outro ardorosos combatentes por uma nova realidade onde sejam livres.

Para a guerra do Vietnã são enviados homens que lado a lado se unem numa busca de proteção e segurança, uns pessoal, outros da pátria.

Pág. 2

COLUNA

LIVRE

Pág. 15

Cultural

Idéias Pág. 5
Teatro Diferente Pág. 7
Iconografia Russa Pág. 11
Solano Trindade Pág. 13
Pág. 10

Universidade Experimental

Pág. 14

IGREJA NOVA VISÃO

Pág. 12

momento

Não é tão importante, no atual momento, olhar para trás e verificar os motivos da guerra; não é tão importante, por ora, observar a luta e conhecer as razões que a mantém: não é tão importante, pela conjuntura, chegar-se a conclusão de que interesses econômicos, estratégicos e políticos manejam homens para seus objetivos. É importante, isto sim, olhar para a frente e não prognosticar o futuro da guerra, mas o nosso, sobretudo.

Em que mundo nos encontramos que quase ninguém se importa com a mortandade, com a carnificina, e que fazemos da morte a bandeira?

Será que já nos tornamos estereis para o amor, a ponto que a compreensão de problemas maiores não pesam, o que vale, porém, é a projeção de um ou de outro grupo político ou econômico?

Não só aos economistas bélicos, aos mercadores da morte, que a pena capital deve recair, mas sobre nós próprios que nos tornamos insensíveis as guerras as mananças, e ficamos debatendo sado-masoquisticamente sobre pontos de vista políticos.

E ainda se diz negociar a paz...

A paz é produto do amor, da compreensão e da civildade e não um resultado da opressão, da falsidade e da incompreensão. Ademais não há paz sem liberdade e esta é produto de uma liberdade interna quanto a preconceitos raciais, sociais e políticos que os senhores da guerra não possuem e por conseguinte não podem oferecer.

EDITORIAL

Eis aqui, colega, um novo número do "Bisturi". Dissemos novo porque pretendemos que a partir deste número, este jornal se transforme num veículo que represente de fato o pensamento dos alunos desta Faculdade. Para que isto seja possível, o primeiro passo a ser dado deve procurar uma aproximação do estudante ao jornal e ao centro acadêmico.

Nós o convocamos às reuniões, aos debates, às pesquisas e a escrever. Queremos construir um meio universitário onde você possa discutir idéias, receber influências de novas idéias, influenciar com suas idéias, para que possamos, trabalhando juntos, procurando juntos, sem tutela de fórmulas pré-estabelecidas, abrir novos campos para o universitário, para sua formação integral. Todos sabemos que a maioria dos calouros ingressa numa faculdade vinda de um ambiente restrito, saindo da adolescência. E cremos que numa universidade, ao lado da formação profissional, o estudante também precisa tomar consciência da sua posição na vida e na sociedade. Aqui ele deve encontrar um ambiente propício a complementação de sua personalidade, e nós podemos criar esse ambiente. Observamos que muitas vezes, o movimento levado pelos estudantes se perde dentro de chavões e esquemas, sem se lembrar que fala a um reduzido grupo, o mesmo grupo que conduz o movimento. Todos esses fatores servem para afastar do resabiado que mesmo vindo com boas intenções é colocado no dilema de direita e esquerda, de URSS e EUA, de participante e alienado, de comunista e reacionário, criado por esquemas fáceis e divulgado por intensa propaganda. E aqueles que nem conhecem direito o significado destas palavras, se vêem obrigados a tomar posição, sem um debate ou uma simples conversa aberta. E observamos que a maioria dos estudantes logo descreem de movimento estudantil, de atividades extra-curriculares. Há muitos, mesmo, que consideram sintoma de amadurecimento o fenômeno do alheamento, e passam a se preocupar, desiludidos, com seus estudos e sua vida particular, tão somente.

Convocamos o colega a mudar o estado em que se encontra a Universidade, com uma vontade comum, destruindo as desilusões e, também, as ilusões.

▲ REDAÇÃO



HISTORICO

COLUCCI

O Vietnã, que possuía uma cultura toda peculiar, em 1.840, viu-a esfacciar-se sob a invasão e domínio dos franceses.

Estes colonizadores desagregaram culturalmente o país através da tentativa de implantação de uma civilização ocidental, que apesar de todos os males, possibilitou aos vietnamitas mais cultos tomarem conhecimento de teorias humanistas e políticas até então omitidas ao seu povo.

Estes homens organizaram-se e constituíram um movimento de libertação ocorrendo a 1.ª revolta em 1.930, sendo dominada pelos franceses. A partir de então as atividades políticas foram intensas e muito reprimidas pelos colonizadores que fizeram milhares de presos políticos.

Durante todo este tempo o Japão, pouco a pouco, ia adquirindo poder sobre os países asiáticos, chegando ao ponto de dominar alguns. Os E.U.A., que também tinham sua política em relação a Ásia, a cada passo dado pelo Japão, via suas perspectivas comerciais bloqueadas.

O Japão não conteve seu avanço e, quando a França foi dominada pelos nazistas, tomou a Indochina submetendo os antigos colonizadores a seu jugo.

Foi então que se formou, sob a liderança de Ho Chi Minh, um movimento de libertação, o Viet Minh, com apoio dos E.U.A., apesar de seu caráter comunista, em vista de visitar um inimigo comum.

Os japoneses, que haviam feito dos franceses seus aliados na colônia, em 1.945, tomaram definitivamente o Vietnã, destituindo os franceses de seus cargos e efetuando grande número de prisões, e nomearam como imperador um vietnamita de nome Bao Dai.

Porém, neste mesmo ano, o Viet Minh concretizou sua posição e estabeleceu um governo em Hanoi, obrigando Bao Dai a abdicar. Ho Chi Minh promulgou uma declaração de Independência que foi aceita pelo governo americano com um condição: a rendição japonesa não fosse efetivada pelo Viet Minh.

Assim, no sul a responsabilidade do desarmamento coube aos ingleses e no norte as tropas de Chiang Kai Chek.

Os ingleses procuraram-se mais com a restituição do país aos franceses, libertando-os e rearmando suas tropas, enquanto que os encarregados da rendição japonesa no norte permitiam que esta fosse feita pelo Viet Minh.

Desta maneira, o sul do Vietnã tornou-se palco de novos conflitos ao mesmo tempo que o Viet Minh estabelecia-se no norte.

Os franceses, que lutavam pelo retorno ao colonialismo, receberam ajuda do governo americano, cujas perspectivas econômicas diante de um Vietnã colonizado eram maiores que de um Vietnã livre, com autonomia política e econômica.

O auxílio americano foi tão intenso que em 1.954 custeou 78% da guerra.

Esta situação perdurou até a queda dos franceses em Dieu Bieu Phu, quando iniciaram-se as negociações em Genebra.

O tratado previa a retirada de todas as tropas estrangeiras, eleições livres e proibía a penetração de forças estrangeiras em território vietnamita. Previa também a reunificação do país norte e sul, através de eleições.

Essas eleições foram impedidas pelo primeiro ministro do Vietnã do Sul Diem, vietnamita exilado por muitos anos nos E.U.A.

O norte propõe-se a auxiliar a reunificação do país. E em 1.960, no sul, comunistas e não comunistas unem-se e constituem a Frente Nacional de Libertação.

As guerrilhas começam a atuar e os E.U.A. enviam ao Vietnã "assessores militares" que teriam a função de treinar as tropas de Diem.

Mas em 1.964 a F.N.L. está com grande vantagem, sobre as tropas governamentais e foi quando iniciou-se a escalada americana: com ataque ao norte e o envio de homens.

Esta é a situação que perdura até o momento e cujo desenlace é imprevisível.

Universidade para o povo

Universidade voltada para os interesses do povo. Eis uma frase muito falada em Movimento Estudantil.

Quais são os interesses do povo? São os interesses da grande maioria dos brasileiros; e essa grande maioria quer casa, pois vive em favela; quer comida e saúde, pois vive na miséria e na promiscuidade, recebendo salários de fome, ou não recebendo salário nenhum... Se olharmos em redor veremos que são esses os interesses da grande maioria do povo brasileiro.

Para o povo? De 1.000 que se matriculam no primário, 4 chegam à Universidade. Os que não tiveram condições de continuar os estudos, os 996.000 candidatos do CEESEM que ficaram de fora, os excedentes, eis aí os 99,6%. E não nos esqueçamos dos 40 milhões de analfabetos que vegetam por este Brasil todo. Por que essa situação? Onde o governo aplica suas verbas? Se vive dizendo demagogicamente que "Educação é o melhor investimento", por que não investe realmente numa educação para todo o povo?

Quanto as verbas, a resposta é fácil. Elas vão para a compra de aviões, armas, enfim, para cuidar da "Segurança Nacional". Para a Educação nada. Aliás, para a ditadura educação também é um meio de cuidar da Segurança Nacional.

Sim, pois não convém à Ditadura ter a grande maioria

do povo instruído; um povo consciente seria capaz de ver qual é a causa verdadeira de sua miséria, poderia se levantar contra ela, poderia... derrotá-la.

E para a Segurança Nacional, naturalmente não convém que isso aconteça. Afinal o que é esta Ditadura senão uma máquina para defender os interesses dos patrões?

Acontece que nem mesmo às classes dominantes a Universidade brasileira de hoje serve convenientemente. Assim, o governo se preocupa em questionar os padrões arcaicos de nosso sistema educacional, propondo um outro que atenda às necessidades do desenvolvimento da indústria.

Finalmente, achamos o significado daquela frase da Ditadura: "Educação é o melhor investimento". Para entendê-lo basta ter em mente quem lucra com o investimento.

A UNIVERSIDADE MEC-USAID

Nesta perspectiva é que vamos surgir o Relatório Atcon e o Acordo Mec-Usaid. O que eles propõem em última análise é a transformação das Universidades em Fundações Privadas. Ou seja, as empresas privadas investiriam na Universidade, e uma parte do custo ainda seria paga pelos próprios alunos, através de anuidades.

A primeira consequência é óbvia: com anuidades somente gente rica poderá fazer fa-

culdade.

A segunda consequência é um pouco mais sutil, porém ainda mais importante: é patente e incontestável que em investimentos de várias empresas, mandará a maior empresa; e não seria difícil uma grande empresa sozinha "comprar" uma Universidade inteira. Tendo em conta que as grandes empresas que mandam em nossas Universidades, são todas de capital internacional, predominantemente americano, e tendo em conta que essas empresas dirigirão as Universidades ao seu bel prazer, é fácil concluir para onde serão canalizados nossos universitários: para as empresas imperialistas, a fim de suprir suas necessidades técnicas; servirão para dar mais lucro ao Tio Sam e sugar o sangue do trabalhador brasileiro.

Em outras palavras: dar-se-á prioridade aos cursos técnicos dos quais saiam quadros para as empresas e limitar-se-ão as vagas para cursos de Ciências Humanas como Sociologia, por exemplo.

A formação de pesquisadores de alto nível também será limitada, pois convém ao Imperialismo que continuemos a importar seu "Know how" indefinidamente a fim de que não desenvolvamos tecnologia endógena, essencial para nossa independência econômica.

A atual situação de falta de verbas não é mais que um clima criado propositalmente pela ditadura a fim de propiciar a transformação em

fundação privada, o que viria como única solução possível para cobrir os gastos necessários.

A estas alturas as vezes fica uma pergunta no ar: por que o governo brasileiro permite tudo isso?

É preciso ter em mente que o governo brasileiro (como de qualquer outro país capitalista que não os EUA), não é nada mais que uma ditadura de classes, uma máquina a serviço dos grandes grupos econômicos monopolistas internacionais (americanos em sua maioria), e que portanto defende os interesses do Imperialismo.

É bobagem pensar num governo "bem intencionado". Qualquer um que não for co-nivente com essa situação cai do poder, pois quem manda, no fundo, são sempre os grandes grupos econômicos.

A ditadura é sempre lacaia do Imperialismo!

Vemos portanto que a Universidade Mec-Usaid nunca será para o povo, mas será para os americanos, para os opressores do povo, enfim, será contra o povo.

A UNIVERSIDADE PARA O POVO

A Universidade arcaica é uma calamidade. A Universidade Mec-Usaid... pior ainda. Como teremos uma universidade para o povo?

O Movimento Estudantil, tendo em vista a necessidade de uma universidade voltada para os interesses da maioria

do povo, desenvolve uma luta acirrada contra o Mec-Usaid boicotando-o na prática em suas tentativas de implantação em várias faculdades.

Assim, exige ensino gratuito em todos os níveis, mais verbas para a Educação, vagas para todos os alunos, em todos os cursos, brigando pela entrada dos excedentes.

Portanto na medida em que o M. E. desenvolve suas lutas tendo a perspectiva política de desgastar a ditadura e do imperialismo, está auxiliando o povo em sua libertação desses mesmos inimigos.

Sob uma simples frase: "Universidade para o povo" está escondida toda uma perspectiva de luta, de uma luta que será dura e longa.

Porém é preciso ter bem em mente que o M. E. é apenas uma força auxiliar nesse processo todo.

Como vimos, é evidente que uma Universidade para o povo só existirá quando toda a estrutura for mudada. E essa mudança cabe fundamentalmente aos trabalhadores da cidade e do campo.

Os sindicatos têm pelegos, a ditadura criou a lei de greve. E quem abre a boca para protestar é reprimido, enquadado na lei de segurança. Subversivo...

Mas um a um, esses obstáculos serão vencidos por eles mesmos, assim como está vencendo o povo heroico do Vietnã.

Universidade para o povo, é necessário que ele a faça. Ou nunca a terá.

Crônica e Aguda

Uma sádica gota da vela derretendo, escorreu pelas rugas da mão pecadora e correndo pelos vales sulcados pela velhice condensou-se sobre a linha da vida demarcando uma barreira opaca sobre o caminho do cigano bisulco.

A testa já franzida pelo tempo emaranhou-se inda mais em reflexo da dor, mas o pouco de corpo que restou de seu existir até aqui prosseguiu seus passos em busca do perdão.

Dentro da noite apagada a procissão de velas provocava um sacro amanhecer de pequenos sóis tremulantes.

As bocas esquecidas da fome, alimentavam-se dos versos da reza compassados pelo arrastar metódico dos pés sobre o chão.

As vozes evaporadas pelo calor da chama fundiam-se no alto e negando as leis físicas esvalam-se em nada, perdendo-se no tempo e no espaço inutilizadas frente a realidade do ar.

Na inércia de suas ilusões, a multidão segue gestando em seu ventre de esperanças o momento do parto da salvação.

Os rostos religiosamente iluminados transfiguravam-se acompanhando a mudança da luz deformada pelo vento. E a cada forma da fonte as imagens transmu-

tavam-se e a cada apagar de uma vela um rosto perdia-se na escuridão.

Avançando pelas alamedas, para onde seguiu aquela gente que vive?

Avançando pelas alamedas, para onde seguiu aquela gente que cre?

Para onde seguiam as alamedas que abraçavam a multidão que avançava, se eu sabia que lá no alto havia uma curva e todas as ruas então desciam em busca das suas origens... Aquela gente também sabia, mas seguiu.

Cada soldado do exército de corpos dantescos impellido pela involuntária ignorância de não saber porque, cumpria os passos de quem se lhe antepunha e plagiava o seguir daquele que copiava os passos de um terceiro antecessor.

Mas a multidão não viajava em círculo, havia um primeiro, que n'oseu narcisismo de liderança, destacava-se mascarando-se do pescoço aos pés sob um esconderijo negro que era solucionado em sua continuidade pelo reluzir do dourado crucifixo que quebrava a monotonia negra de suas vestes.

Sim, era ele o primeiro, o mestre orientador e organizador do medo à realidade impingido ao caminhar de mil passos que o seguiam.

Sim, era ele o primeiro, o verdugo

onipotente e reger uma muda orquestra desprovida de instrumentos.

Sim, era ele o primeiro, o monitor da fuga pelas alamedas. Mais do que ninguém, conhecia a curva do alto e sabia que então as ruas só desciam em um voltar contínuo.

Agora eu compreendia a inocência dos que seguiam.

Agora eu via na autoridade do peccador supremo o réu da ignorância dos que lhe aceitavam. A escuridão de suas vestes cegava o pouco de visão que restava na parca iluminação das velas.

Mas o corpo das mãos enrugadas ao descer as ruas, notará no caminho a marca dos pés que subiram; e talvez entenderá o choque dos passos contrários. O calor da chama infundir-se-á por sua epiderme ressecada e dissolverá a gota obstrutora, e ao perceber o viver que a barreira de parafina lhe escondia, estancará. Na inércia de seus passos os corpos chocar-se-ão, e passado o caos, não haverá mais escuridão que cegue a luz que emanará da multidão. E as alamedas serão destruídas, as velas serão apagadas e os até então acorrentados, expandir-se-ão na planície de sua liberdade.

gelson reiche

LAMENTAÇÕES DE UM CENTRO ACADÊMICO

(em conversa com seu sócio Franklin)

Apresento-me: sou o C.A.O.C.! Sou uma entidade estudantil e de estudantes de medicina! Para o público em geral sou muito importante: fui reconhecido de utilidade pública em 1954 por lei estadual. Para os professores também sou importante: afinal sempre lutei pela melhoria do ensino e pela integração universitária muitas vezes sendo um agulhão a incomodar os mais retrógrados. Para os alunos eu ERA importante: tanto é que foram eles que me fizeram crescer, que me deram o nome, que me legaram ricas tradições, que me expandiram. E isto porque eles ERAM o CAOC. Viam em mim não um clubinho que lhes facilitasse a vida, não uma associação que lhes desse comodidade; não uma entidade recreativa onde pudessem divertir-se, dormir, dançar, comer... É que eles viam em mim sua imagem como num espelho: eu representava o esforço de cada um, unido num todo; eu representava o trabalho de cada sócio, a esperança de cada sócio, e vivência de cada sócio; eu significava a doação de TODOS pelo bem de TODOS: eu ERA o que refletia a alma de cada um! Enfim, eu ERA uma vibrante entidade acadêmica, realmente acadêmica!

Ah! doces lembranças de uma época que já vai longe! Atualmente eu viro clubinho! Porque? Ora: tenho diretorias eleitas pelos sócios e que devem tratar de tudo; e tratar de tudo SOZINHAS! Afinal, não é para isso que os sócios de um clubinho elegem diretorias? Não é para que elas tratem do bem estar dos sócios, façam reformas, contratem a limpeza, enfim cuidem com carinho do conforto de seus associados que elas são eleitas? Não é para providenciarem o concerto do que os sócios depredam ou quebram (afinal eles pagam anuidades!!!) que elas são eleitas? Não é para carregarem o clube nas costas sem colaboração nenhuma dos sócios (que pagam anuidades justamente para isso!!!) que elas são eleitas?

Inglório destino! Deprimente presente! Negro futuro! Será que não existem mais alunos de medicina que me queiram dar o nome? Será que não estudam medicina pessoas que tenham espírito comunitário? Será que não se formam médicos séres humanos com ideais e com espírito acadêmico?

Por favor! litem aqueles que ainda não se acomodaram no conformismo, aqueles que não foram absorvidos pelo egoísmo da auto-promoção, aqueles que ainda têm esperança de revolucionar essa mentalidade espúria tão em voga!

Por favor, transformem a realidade de hoje e construam um novo CAOC. Estou cansado de viver de lembranças gloriosas, cansado de lamentar erros presentes, cansado de sentir-me cada vez mais vazio, cansado de chorar com medo da morte que o futuro me prediz! Por favor, revivam em mim o espírito acadêmico, a participação desinteressada de cada sócio, a luta pelos ideais universitários a participação na transformação da vida nacional! Por favor, façam de mim o CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ entidade representativa dos estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo!

O BISTURI

Órgão Oficial do Centro Acadêmico
"Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo

REDAÇÃO

Av. Dr. Arnaldo, 455
Tel.: 52-1729 — S.P.

DIRETOR

Waldemir Bargieri

REDADORES

José Carlos Colucci

Osmar Rotta

Sebastião Manoel Teixeira

Sérgio René Akamatu

A redação não se responsabiliza por
artigos assinados

Sinceros agradecimentos a "PRODUTOS QUÍMICOS
CIBA S. A." pela valiosa ajuda possibilitando elevar
ainda mais o nível deste jornal.

CIENTIFICO -- O seu Departamento

Já se faz mister levar ao conhecimento de todos os colegas que, paralelamente ao trabalho desenvolvido por toda a maquinaria caoquiana, existe um departamento que se esmera em prestar serviços à coletividade convivente nesta Casa de Arnaldo.

O Departamento Científico tem contribuído com um trabalho profícuo no decorrer de sua existência, através de empreendimentos que deram origem à Revista de Medicina, aos Cursos Extracurriculares e ao Premio Osvaldo Cruz.

A Revista de Medicina, talvez já seja de seu conhecimento, é editada ininterruptamente desde 1916 primando por apresentar artigos de fundamental importância médico-científica que a têm projetado, assim como o nosso Centro Acadêmico, não só em todo território nacional como em varios países estrangeiros.

Todo trabalho e despesa acarretados pela edição de um só numero, já bastariam para tornar enfadonha uma descrição pormenorizada e é por este motivo que, quando algum colega chega ao Departamento para retirar o seu exemplar, pouco pode imaginar de quanto labor o mesmo se reveste.

Como a Revista de Medicina encontra-se atrasada, por varias causas que não caberia aqui analisar, a direção atual do D.C. arcou com a responsabilidade de, neste ano, elaborar 10 numeros para que a mesma possa estar em dia a partir do ano vindouro. Propusemo-nos a manter sua tradição e seu alto padrão técnico-científico pois não nos abtemos de com ela dispendir todo o nosso esforço, levando em consideração a importância que lhe é devida.

Nada menos que 10 cursos foram programados para o 1.º semestre do corrente ano e outros tantos para o 2.º, sendo que alguns deles já foram desenvolvidos. Podemos salientar que todos os cursos já realizados tiveram como tônica constante um numero surpreendente de participantes, incluindo medicos e academicos de outras faculdades, resultante de uma divulgação eficaz e da abordagem de temas importantes e de real interesse.

O Premio Osvaldo Cruz, organizado por este Departamento e patrocinado pela Laborati S. A., vem tomando surpreendente vulto desde sua instituição em 1956. Outorgado ao colega Alvaro Lucas Ceravolo, da nossa FMUSP, foi por ele

brilantemente defendido em 1967, tendo concorrido mais 14 colegas de varios pontos do país.

Para o ano que transcorre, obtivemos do laboratório patrocinador uma eleição no valor do premio, passando o mesmo a NCr\$ 1.000,00, e estamos na expectativa de que o numero de concorrentes seja à altura do POC, que indubitavelmente tem tido grande repercussão nos meios universitários de Medicina. Abrimos convite a todos os colegas, a fim de que preparem seus trabalhos e venham inscrever-se.

É incontestável que o D.C. aceitou todas as criticas construtivas que foram sugeridas à sua atual Diretoria na enquete realizada no ano passado mesmo antes da tomada de posse; estamos, no entanto, à disposição de todos para outras sugestões que possam aprimorar nossa breve estada neste Departamento.

Para que o nossos objetivos sejam atingidos, e você bem pode avaliar, sua compreensão para com os nossos problemas e a sua colaboração tornam-se imprescindíveis; poderemos assim, com a sua ajuda, ter ao término de nossa gestão, consciencia do dever cumprido.

ACERTE SUAS DÍVIDAS COM A TESOURARIA DO CAOC

Colega: sua participação também se dá através da anuidade. Você só poderá exigir da Diretoria uma prestação de contas se contribuir para a realização de seu trabalho. Você só tem direito a usufruir o que o CAOC lhe oferece se colaborar para sua manutenção. O CAOC depende também da sua colaboração.

No proximo numero de O BISTURI a Diretoria fará um relato completo das atividades de todos os departamentos do CAOC e provavelmente relatará o que estes tem programado para o ano de 68.

000

A 55.a turma da FMUSP agradece à INAP — Ind. Nacional de Aparelhos de Precisão Ltda., da Rua Tabatinguera, 416, pela doação das "novas" seringas Saga.

III CONGRESSO INTERAMERICANO DE OBSTETRIZES

De 23 a 26 de julho proximo, terá lugar, no Rio de Janeiro, o III Congresso Interamericano de Obstetrisas, sob o patrocínio da Associação Brasileira de Obstetrisas, filiada à International Confederation of Midwives. Espera-se a participação de 400 congressistas, pois 10 países já confirmaram o envio de delegações.

A importância da Obstetria na assistência ao ce-

tem-nascido, e Estudo do planejamento da família, serão alguns dos temas escolhidos.

As inscrições estão abertas para obstetrisas, medicas, enfermeiras, assistentes sociais e psicologas na sede da Associação à Av. Princesa Isabel, 323 — sala 304 — Copacabana — Guanabara.

Congressistas: NCr\$... 20,00. Aderentes: NCr\$.. 30,00.

ARTE E CENSURA

Têm-se agravado ultimamente a polêmica entre os meios artísticos e intelectuais brasileiros e a censura governamental, representada esta sob diversas formas (Censura Federal, Estadual e outras organizações) e que vem atuando nos mais diversos campos.

No das artes, sua ação se faz sentir mais nos grandes veículos de comunicação popular que são indiscutivelmente o cinema e o teatro, velando ou mutilando obras de arte inclusive de consagração universal.

É necessário analisar devidamente o porque da existência de uma entidade chamada Censura, qual a sua função real e questionar a validade de ser nosso disciplinador e orientador artístico: segundo Gustavo Corção, defensor emérito da filosofia do governo, em declarações na sessão plenária do Conselho Federal de Cultura, justificou-a da seguinte maneira: "na sociedade em que vivemos infiltrada pelas ideias materialistas que corrompem inclusive membros da Igreja Católica, é impossível a abolição da Censura para obras de arte". Nestas palavras está caracterizada então a existência da Censura como órgão político, com ideologia predeterminada e agindo claramente em sua defesa e interesse. E está caracterizado também o reconhecimento de que a arte ou melhor que as "obras de arte" são instrumentos importantes para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar a realidade considerando que elas são produto de uma situação social e que expressam todas as suas necessidades.

É preciso salientar que a polêmica sobre a Censura se radicalizou quando da proibição de serem apresentadas peças teatrais consideradas "pornográficas" por conterem no texto vários "palavrões". E isso aconteceu com várias peças como "Um bonde chamado desejo" de Tennessee Williams, com as peças de Plínio Marcos, e que já vinha acontecendo com as peças de Nelson Rodrigues, de Oswald de Andrade, e outras e que também ocorreu pelos mesmos motivos, com vários filmes nacionais e estrangeiros (como por exemplo os vários filmes de Bergman). Isto pode parecer à primeira vista que a Censura está interessada apenas em defender ingenuamente a nossa moral, a nossa tradição cultural e outras coisas mais. Porém, como se referiu Brecht acerca do teatro, "ele precisa estimular a avidéz,

da inteligência é instruir o povo no prazer de mudar a realidade", isto mostra que quando este tipo de teatro coloca agressivamente o palavrão, o gesto obscuro, para caracterizar o nosso status social, carregado de tabus, convenções e preconceitos, que no momento se apresentam totalmente absurdos e que é conferida ao espectador a facilidade de tomar consciência disso e de poder transformá-lo, então é que aparece a sua periculosidade, a sua periculosidade, a sua nocividade, enfim, como é dito rotineiramente, por "atentar contra o pudor".

Isto porém reflete o interesse em se manter essa estrutura conservadora imutável por assumir uma série de implicações na própria manutenção da atual estratificação social.

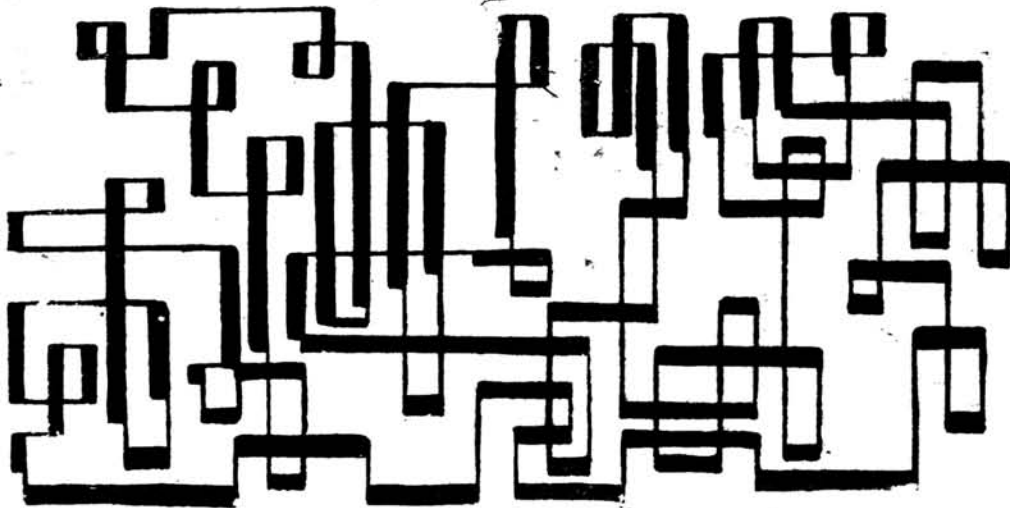
E a explicação clara do sr. Corção, colaborador do "Estado", afirma que "o governo deve defender a sociedade contra tão visível e desumana perversão", mostra a tentativa de mistificar o problema, colocando o seu critério de humanismo como justificativa de atuação.

Acresce-se aí as peças de teatro e filmes proibidos ou censuradas diretamente por motivos políticos como "Bebel a garota propaganda" de M. Capovilla, "A guerra acabou" de A. Resnais que é permitida somente para cinemas considerados de arte "La Chinoise" de Goddard e etc.

Vê-se pois que a atitude da Censura é pela preservação de econômicas, defendida pelo governo atual do qual ela faz parte e que econômica, defendida pelo governo atual do qual ela faz parte e que vem coagindo e mesmo anulando a liberdade de criação artística desde que esta critique ou apenas mostre uma realidade nacional que possa provocar uma conscientização maior acerca das contradições e intenções que ela envolve.

Está claro partindo dessas premissas que, sob a tão alardeada ignorância e escassez de inteligência dos senhores censores, existe uma intenção clara e precisa. Está claro ainda que pelo exposto, a luta contra a Censura deve ser de cunho político e contra todas as suas formas pois "há toda uma gama de artifícios para esconder a verdade e toda uma poderosa maquinaria para afirmar a mentira" como disse Nelson Werneck Sodré.

G. Homet



C
U
L
T
U
R
A
L

DEPARTAMENTO CULTURAL

O Departamento Cultural, de acordo com o planejamento estruturado no início do ano, vem promovendo uma série de atividades que se estenderão até o fim do segundo semestre. Considerando um conceituamento dinâmico de Cultura, nos propusemos a efetuar, num escalonamento progressivo do ponto de vista qualitativo e quantitativo, para obtermos maior participação dos colegas e portanto maior aproveitamento.

A partir disso estamos efetuando:

— Cinema: todas as sextas-feiras está sendo projetado um filme no teatro da Faculdade, acompanhado de apostila explicativa. No segundo semestre, além dessas exposições, será realizado um ciclo de cinema à noite.

— Teatro: já proporcionamos a vendagem de ingressos para "Viúva porém honesta"

peça de Nelson Rodrigues havendo debates posteriores. Está programado para o sábado dia 18 de maio às 21,30 horas no teatro Ruth Escobar uma sessão especial para o CAOC da peça de Berthold Brecht, "Os Fuzis da Senhora Tereza Carrar", encenado pelo TUSP e na qual haverá debates posteriores.

— GTM: Está sendo ensaiada atualmente a peça do dramaturgo espanhol exilado na Itália "Noite de Guerra no Museu do Prado" sob a direção de Alberto d'Aversa e assistência de Assunta Peres. A peça será encenada provavelmente no início do segundo semestre. Está sendo preparado também um recital com obras do mesmo autor.

— Boletim Cultural: Está sendo elaborada uma nova linha para o boletim, que sai semanalmente, e que além de cobrir todos os acontecimentos artísticos da semana na

Capital, vai trazer uma série de artigos sobre arte em geral.

— Biblioteca: Vai ser totalmente reestruturada procurando melhorar a qualidade dos livros exostos e disciplinar o seu uso.

— Feira de Livros: Pretende-se realizar no fim de maio uma Feira de Livros e Discos abrangendo a maior quantidade possível de obras e possibilitando maior facilidade de aquisição.

— Curso de Fotografia: Está em fase de estudos o início de um curso sobre técnica e estética fotográfica que será ministrado por professores do Foto-Cine-Clube Bandeirantes, aqui na Faculdade. Provavelmente, será realizado ainda na primeira quinzena de maio. Posteriormente será realizado um concurso para os alunos prevendo-se para o segundo semestre um concurso estadual.

CULTURAL: Teatro Universitário

Foi criada, recentemente, por iniciativa da Comissão Estadual de Teatro, CET, dirigida este ano pela atriz teatral Cacília Becker e dos grupos teatrais universitários do nosso Estado, a Federação de Teatro Universitário do Estado de São Paulo.

Durante o processo de sua elaboração, além de contar com a assistência do crítico teatral Décio de Almeida Prado que representava a CET estiveram presente os representantes dos grupos teatrais, TUCA, TUSP TEBA (Mackenzie), GATA (Botucatu), TESE (Sedes) GEMA (Mauá), TULQ (Piracicaba) e GTM.

As finalidades da Federação serão, além de ser órgão representativo do teatro universitário na Comissão Estadual de Teatro

e portanto regimentar a distribuição da verba da CET destinada ao teatro universitário, as de estimular o teatro no meio estudantil, realizando cursos, conferências e seminários que serão programados para todo o Estado, beneficiando mantendo contato com pessoal técnico especializado e inclusive material necessário para a montagem de peças e também promovendo maior intercâmbio entre os vários grupos principalmente entre aqueles sediados no interior. Também regerá Festivais destinados ao teatro universitário.

Após a elaboração dos seus estatutos, foi eleita a diretoria cujo mandato vigorará até março do ano vindouro e nesta diretoria cabe um cargo para o GTM, da nossa Faculdade.

EMBU,

O Casarão

Pouco antes de se chegar à Matriz existe um casarão à direita repleto de antiguidades verdadeiras, acrescidas de obras populares e ainda de peças de artistas renomados.

O convento

O convento de Embu, próximo a entrada da cidade, é de estilo colonial, denotado pelas portas, pelas janelas e frontais esculpidos a mão com instrumentos precários alguns de pedra. Seus pontos altos são o altar e a sacristia com imagens de Cristo totalmente recamadas a ouro quase puro. Há também a sala dos milagres.

Os artistas do Embu

Conhecidos pela crítica e artistas de São Paulo, são uma turma de boas falas, grandes camaradas e amigos de um bom copo.

Pode-se encontrá-los pelas ruas, pelos bares mas par ter

certeza, o melhor é ir ao Barraco do Assiz ou a Casa do Solano.

A cabana do Assiz é o atelier primeiro da cidade. Não encontrará, você, porém, um estúdio rico e ornamentado e sim um barraco, simples onde peças de arte, ferramentas, lascas de madeira, poesias estão misturados.

As esculturas e telas são expostas ou seria melhor dizer, postas a vista e querendo, após breve arrazoado sobre o preço, você poderá levar o seu pilão, sua máscara ou uma tela.

A maioria das obras são primitivas, embora as de Assiz sejam quase expressionistas e outras surrealistas. Alguns como Saul aliam ao primitivo uma técnica impressionista conseguindo um efeito sobremaneira bonito.

Todavia na casa de Solano, a organização transparece, observando-se telas de um primitivo diferente associado a expressão, telas de Sebastião;

ou típicas como as de Raquel, Cyléia, Aparecido. As esculturas também presentes com Chico, com as rústicas de Fred, e ainda místicas de Saione.

As Mulheres

Lilly Montagne é uma artista de jóias em cobre para mulheres e utensílios de decoração. Em meio a um esplêndido jardim, em seu estúdio, ela faz também tapeçarias de alta qualidade.

Folclore

Mineirinho e seus garotos é mais um grupo atrativo. Repentista de categoria, capaz de cantar durante horas a fio, estórias do nosso povo ou repentistas famosos, apresenta seus garotos uniformizados simplesmente com uma vara, danças e pontos mineiros.

Há ainda a lenda do Tesouro do Saci, da Mãe d'água e... é melhor ir, ver e talvez, crer.

Embu

Situada a uns vinte minutos do centro, indo pela BR2 com saída em Pinheiros é de fácil acesso com entrada a direita no Km. 23 e mais 3 Km. de asfalto.

Nos portões da cidade você encontrará um mapa e por ele, você localizará as atrações turísticas.

Na casa do Sakai, você encontrará esculturas terracotas e terá aulas sobre esta técnica.

Indo aos sábados, na casa do Solano, haverá comida baiana a sua espera, samba, bate-papo e muita coisa a conhecer e discutir.

Em dia de semana, boa comida poderá ser encontrada a 1 km. antes da cidade no posto Petrobrás. O churrasco gaucha é servido a vontade e o preço é fixo (NCr\$ 5,00 por pessoa).

Ainda em Embu, não esqueça de cobrar uma batida, algo de extraordinário, da Lãcia.

Para quem gosta de arte, de entrar em contato com intelectuais; para quem aprecia a vida daqueles artistas comuns em filmes franceses; enfim, para quem procura ampliar sua cultura, seu relacionamento humano ou mesmo distrair-se, nada melhor do que Embu.

Embu não é uma cidade interiorana, é um museu e uma casa de artistas de vários generos: pintores, escultores, gravuristas, poetas, músicos, dançarinos, atores e repentistas.

De construção antiga, muito de sua arquitetura conserva um ar colonial, dando uma imagem viva dos tempos do entrudo, dos nababos, das cadeirinhas...

A cidade é pequena, em olhada rápida, 10 minutos bastam. Entretanto, há tanto que ver, ouvir, conversar, que todos que vão, retornam varias vezes.

PARAISO PERDIDO DOS ARTISTAS



BAILE DO CALOURO

BAILE DO CALOURO

Como se tornou tradição o baile dos calouros é realizado na ultima sexta-feira de maio (este ano, dia 31) e para vocês, calouros, seguem estes comentários.

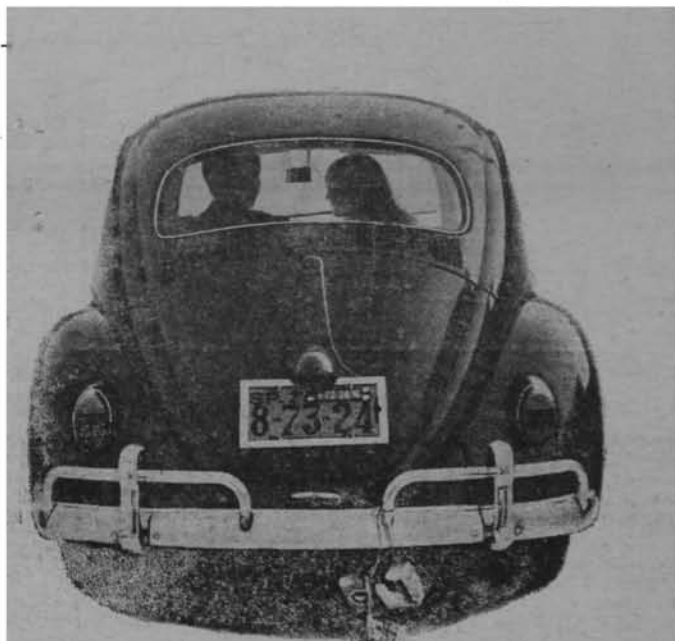
O local será o salão de festas do Fasano e o conjunto contratado: o espetacular Som Psicodélico de Luis Carlos Vinhas; daí pode-se presumir a magnifica festa que marcará o dia em que voces deixarem de ser calouros para tornarem-se colegas do primeiro ano. Porém, para que ela seja realizada é necessaria uma parcela que não depende da Diretoria do Social

e sim de vocês: a sua colaboração. As despesas do baile terão que ser supridas pelos 150 primeiranistas, que venderão convites, flâmulas, etc.

Esperamos que todos participem, já que se trata, sem qualquer sombra de duvida, de uma data realmente marcante dentro da vida universitária, pois, é nessa hora que se nota o sentido carinhoso e de boas-vindas das brincadeiras dos colegas veteranos.

Gostaríamos, portanto, que procurassem qualquer um dos membros do Departamento Social (inclusive 5 calouros e 1 caloura) para -travar um contato mais íntimo com o andamento dos trabalhos.

A DIRETORIA SOCIAL



ANFERTIL por algum tempo. Estamos começando a vida. Primeiro há os plantões, estágios, cursos complementares e a casa. Então, teremos uma família. Até lá, ANFERTIL 1/2 mg vai nos proporcionar os meios. E com que segurança e conforto! Claro, ANFERTIL 1/2 mg é o mais atualizado anovulatório devido à redução da dosagem progestínica. Bem por isso é indicado inclusive para pacientes com intolerância à medicação anteriormente disponível.

ANFERTIL 1/2 mg estão com 21 comprimidos

Fontoura-Miguel S.A.

[ANF 118 B]

A MONTANHA MÁGICA

Thomas Mann

Hans Castorp, jovem representante da burguesia alemã já dotada de uma tradição aristocrática, vive a vida normal, de estudos, passeios e diversões, sem grandes sentimentos ou anseios que contrariassem sua fleuma hereditária.

O acaso o leva até os Alpes suíços em visita a um primo tuberculoso, onde recebe contrariado a informação de que seus pulmões também estão afetados. Um rapaz acostumado à vida da planície vê-se repentinamente obrigado a conviver com enfermos "irresponsáveis e relaxados".

Logo porém, Hans Castorp percebeu que em sua natureza receptiva escondia-se um espírito indagador e ao mesmo tempo irresponsável, que encontrou campo fértil para se desenvolver naquela situação peculiar. Afastado do mundo e da objetividade, folta e suavemente seduzido pela magia daquelas alturas, Em contato com uma natureza

exuberante e solitária desenvolveu a necessidade de compreensão da vida e do universo, que não combinava com as mesquinhas objetividades do dia a dia. A montanha alimentava-o (e ele sorria docemente) dos manjares amargos de uma existência pura e plena sem a participação do homem. Ali manteve contatos com a astronomia, a botânica, a filosofia, a teologia; e se deixou absorver no sonho alucinante e fantasmagórico do incompreendido, do infinito, do ilimitado, do eterno.

Sofreu influências diversas, de homens de caráter sólido, de um humanista não muito humano, de um filósofo religioso amigo do diabo (para usar sua expressão), e de um homem incoerente e confuso, mas com envergadura de rei. Por todos esses refletores de espírito e grandeza foi Hans Castorp iluminado, mas nunca deixou que saísse de si a

força daquela vida irreal. Nunca deixou de ser um "filho enformado da vida".

Ali sentiu o amor, tão grande, tão intenso que se confundiu com o eterno com a renúncia. Enveredou, teme, rose e apaixonado, recuando e avançando, pelas trilhas do tempo não medido, chegando ao limiar da morte. Sentiu a sua presença e amou-a enfeitado. Teria adormecido em seus braços se a vida não o trouxesse de volta, perdendo-lhe os caprichos da enfermidade e aquecendo-o no colo amplo.

Não muito agradecido, continuou Hans Castorp em seus passeios e sonhos, "regendo" a harmonia do vácuo. Até que a vida arranque-o finalmente daquele ambiente perturbador, daquela montanha mágica. Estoura a Primeira Grande Guerra Mundial que o sacode até a medula, que o traz para a luta.

Sebastião

Caminhando contra o vento..

Fui entrando no barraco para ver a doente. Havia percorrido uns três quilômetros na perua da clínica onde lava meus pratos esporádicos e depois subira uns quinhentos metros a pé por um caminho escorregadio de um morro de malocas, passando entre elas e entre pessoas de todas as idades, cabisbaixas, olhando-me por vezes, todos acanhados com um ar melancólico.

O barraco não tinha porta, mas via-se uma grande táboa que deveria servir de porta durante a noite; junto à entrada várias latas, alguns baldes e painéis sobre uma caixa que servia de mesa.

O interior estava na penumbra, algumas senhoras maltrapilhas com crianças à saia, seguravam velas acesas, com olhares de particular respeito, ora para mim, ora para um canto onde jazia uma menina de uns cinco anos sobre algo semelhante a uma cama; olhos vidrados,



cianótica, imóvel, sem pulso, não respirava; o coração não batia — estava morta. Ninguém deu importância ao meu exame. Sabiam na morta. Olhei o chão de terra batida, encontrando num outro canto a mãe, num desespero calado voltada contra a parede, as mãos segurando fortemente os cabelos. Perguntei a algumas pessoas, ninguém sabia realmente o que ocorrera com a morta.

Sai meio enjoado, desajeitado, encontrando na porta um senhor muito humilde que disse ser o pai: — o atestado de óbito o senhor faz aqui ou na clínica?

— Não podemos atestar o óbito — disse eu — o senhor deve chamar o delegado para transportar o corpo até o Instituto Médico Legal. Não sabemos do que morreu sua filha; só eles podem dar o atestado. Sinto muito não ter chegado a tempo e...

O enfermeiro que me acompanhava aproximou-se:

— São trinta mil cruzeiros, viemos até aqui, o senhor sabe...

Realmete era o enfermeiro quem cobrava, eu sabia disso.

— Mas, repliquei, a menina está morta, não fiz nada...

E, mas o doutor cobra, mandou cobrar assim mesmo... isso é com a gente.

O pai, após conversar com uns amigos, voltou com os trinta mil cruzeiros. Então, devo chamar o delegado para levar a menina...

Uma senhora, vizinha, provavelmente, trouxe-me duas meninas e declarou-me que a morta, há algumas horas, queixara-se de dores abdominais negando ingestão de nada suspeito e que logo depois entrara num estado de agitação, a seguir prostração, inconsciência e... aí estava... as irmãs, doutor, estão sentindo um pouco de dor também... vou levar as duas para a clínica do senhor... eu tenho o dinheiro para a consulta...

— Não, minha senhora, coloque-as num taxi, pague com este dinheiro e corra imediatamente ao Hospital das Clínicas.

A mulher não perdeu tempo. O enfermeiro-caixa olhou-me de modo nada agradável.

Dias depois, sem voltar à clínica, soube que fora despedido.

Georgino

Ideias

O Desenvolvimento do Subdesenvolvimento

de Andrew Gunder Frank
tradução de Duarte Lago Pacheco.

1. Andrew Gunder Frank é professor de economia da Universidade Sir George Williams em Montreal. Natural de Berlim, recebeu educação americana havendo lecionado em diversas Universidades ianques.

Em 1962 realizou estudos e pesquisas em Brasília, no México e no Chile. Autor de vários livros sobre economia política, tratando principalmente da América Latina. Reconhece-se dotado de um lastro cultural da classe média norte-americana de formação burguesa e reacionária. Admite também ter evoluído ao tomar contato com a realidade sul-americana da qual esteve totalmente dissociado. Acusa-se de ter sido irresponsável para com os estudos sociais e que só agora tomou consciência dos fatos reais como concluiu em seu prefácio: "Enfim, tive de aprender que ciência social tem de ser ciência política".

2. De início, apresenta os senões dos estudos anteriores sobre subdesenvolvimento e o erro de perspectiva desses exames realizadas por historiadores dedicados a América do Norte e a Europa e nada afetos aos países subdesenvolvidos. Nega a teoria de que os países subdesenvolvidos encontram-se no estágio inicial pelo qual já passaram os atualmente desenvolvidos, afirmando que estes nunca foram subdesenvolvidos e, que, quando muito, foram não desenvolvidos.

Três itens são importantes em sua tese:

a — o subdesenvolvimento é um produto das relações atuais e passadas entre as grandes metrópoles e as pequenas e consequência da estrutura capitalista que regem esses contatos.

b — hodiernamente qualquer solução, verdadeira, prevê uma ruptura dessas relações com perigo de fracassar caso pensamento em contrário.

c — é um erro querer iludir-se com idéias de economias duais visando estabelecer uma analogia entre regiões pré-

desenvolvidas e subdesenvolvidas de fato, de um mesmo país subdesenvolvido, com regiões que estiveram ou não em contato com as grandes metrópoles.

Finalizando, sua análise sobre o subdesenvolvimento quer em relações aos "grandes" e "pequenos" países, quer, em regiões mais estritas como os grandes centros e os interiores feudais, enfim, em qualquer zona, essa situação é gerada pelo processo do desenvolvimento do capitalismo.

3. As ligações Metrópole-Satélite.

Antes de mais nada, Andrew esclarece que essas ligações não só se efetuam no país a país, como também estado a estado e em toda economia doméstica. Friza ainda que qualquer lampejo de desenvolvimento dos satélites é quando muito um desenvolvimento limitado ou subdesenvolvido, senão uma ilusão.

Estabelece então um verdadeiro "sistema solar" onde "planetas" sugam as economias dos "satélites" e estas, depois de devidamente retificadas, são encaminhadas para a grande metrópole mundial. Através desse sistema cada pequeno e médio caudilho econômico cuida da manutenção do organismo, o que é de interesse do grande absorvedor final, que assim se enriquece e se fortalece podendo mitigar as pequenas desavenças com auxílios, mantendo tudo nos seus devidos eixos.

4. Conclusão:

No mais, Andrew Gunder Frank, utiliza-se de fatos históricos passados e presentes de seus estudos, pesquisas para comprovar ou pelo menos fundamentar sua tese.

Livro de formato pequeno, interessante, de mentalidade algo dirigida como que remissão de pecados, que de todo modo, porém, vale a pena ser lido e compreendido, servindo de base para pesquisas futuras que complementarão o assunto altamente importante, atual e que nos diz respeito, de que trata.

10. de Maio

Finalmente o 1.º de maio foi o dia do trabalhador. Sem pelegos, sem governantes demagogos.

9 horas — Praça da Sé — Vão entrando grandes grupos de operários organizados. Oposição de Santo André, oposição dos Metalúrgicos de São Paulo, oposição de Osasco. Vão todos lá para a frente junto ao palanque.

Chegam os pelegos e o governador Sodré. Vaias e mais vaias. Ninguém conseguiu falar. Bolas de papel começam a chegar ao palanque; depois pedras, em seguida porretes. A pelegada da ditadura é expulsa do palanque. Os operários tomam o palanque e fazem o seu comício. Falam as oposições: fala uma dona de casa, fala Travassos, pela UNE.

O comício ficou perfeitamente caracterizado como sendo liderado pelos operários; falou somente um estudante, o presidente da UNE. Todos denunciaram a ditadura e o imperialismo, mostrando qual era o real inimigo do trabalhador. Ficou claro que o arrocho — não é simplesmente a lei, não tal, mas é um instrumento da ditadura para dar mais lucros aos patrões.

Ficou claro que a luta contra a ditadura e o imperialismo será dura e longa tanto quanto a luta do Vietnã, mas assim como eles, nós também derrotaremos o inimigo. Todos foram conclamados a se organizarem nas fábricas para fazer greve contra o Arrocho ignorando a lei de greve que só serve para tornar ineficaz esse meio de luta do operário. Finalmente, aos gritos de O POVO ORGANIZADO DERRUBA A DITADURA — OPERÁRIO E CAMPEÃO UNIDOS NO PODER — TODO APOIO AO VIETNÃ, grande parte das pessoas que lá estavam saiu ordeiramente em passeata pela 15 de Novembro.

O palanque, símbolo da DITADURA, foi incendiado.



A PASSEATA

A passeata saiu ordeiramente pela rua 15, sob liderança dos operários. O National City Bank Of New York, sob gritos de "Fora Imperialismo", foi apedrejado e todas as suas vidraças quebradas. O Imperialismo viu que o povo vê nele um inimigo e está disposto a derrotá-lo.

A manifestação prosseguiu pela São João. Para evitar que meia dúzia de loucos suicidas chamassem, inutilmente a repressão, que estava de prontidão na Cons. Crispiniano, os próprios participantes da passeata cercaram a entrada da rua.

A coisa foi acabar somente na Praça da República. Aqui, de cima do coreto, somente os vários líderes operários fizeram discurso, falando ao povo que sentou para ouvir, sempre denunciando a Ditadura e o Imperialismo, solidarizando-se à luta do Vietnã e conclamando os operários à greve nas fábricas como um dos mais eficazes meios de luta.

Findando os comícios, a palavra de ordem foi "dispensar" e terminou a manifestação na rua, para continuar nas fábricas, na luta contra o Arrocho da Ditadura.

A PARTICIPAÇÃO DO M. E.

Antes da manifestação os estudantes, reunidos em grupos, discutiram sobre a validade da participação do ME no 1.º de Maio.

A grande maioria das bases participantes via que se identificavam os objetivos políticos do M.E. com aque-

SENSACIONAL



les defendidos pelos operários, e esses objetivos eram a denúncia da Ditadura e do Imperialismo. Afinal, na véspera da manifestação, somente o Dirceu, presidente da Nova UEE, e sua coordenação não tinham a clareza política suficiente para decidir se o ME deveria participar como tal ou não.

Finalmente, Dirceu resolveu participar, se bem que mesmo sem ele o ME de SP sairia as ruas, passando mais uma vez por cima dessa pseudo liderança.

A condução dada pela coordenação de Dirceu durante a manifestação foi totalmente errônea, permanecendo longe do palanque, isolados, formando um bloco a parte de ME.

Soltou-se o boato de que só estudantes estavam fazendo no palanque (não havia sistema de alto-falantes, quem estava atrás não ouvia), e os próprios coordenadores, ao invés de averiguar, espalharam o boato. Dando então as bases do ME uma falsa visão do que estava ocorrendo, deram palavra de ordem de não participação na passeata mandando dispersar.

Repetiu-se aqui a falta de visão política dos coordenadores da Nova-UEE, que não percebendo o significado de uma passeata (como afirmação de posições políticas), boicotaram-na, como já haviam feito na de Santo André, no começo de abril.

Assim, só participaram da passeata aqueles estudantes que, conscientes da condução errônea dada pela coordenação, não se integraram no seu esquema.

Politicamente a participação destes estudantes foi muito boa, colocando sua posição de força auxiliar das classes trabalhadoras na luta contra a Ditadura e o Imperialismo e obedecendo as lideranças operárias em todos os momentos da manifestação.

PRIMEIRO DE MAIO

(Do jornal operário "Vanguarda")

O 1.º de Maio é o dia do trabalho. Isso foi o que ouvimos pela primeira vez quando perguntamos porque o dia 1.º de maio é feriado. Como existe o dia das mães, dos pais, etc. também deveria haver o dia do trabalho. E nesse dia para melhor festejá-lo, são feitos passeios, competições, jogos de solteiros e casados, e para os que gostam, é um dia de pescaria. Pois bem, companheiros, o dia 1.º de maio não é nada disto.

COMO SURTIU?

Através das movimentações de trabalhadores em todo o mundo, conseguiu-se tornar o 1.º de maio numa data especial para a nossa classe. Mas porque data especial?

Há cerca de 250 anos atrás começou a surgir indústrias no mundo. Os camponeses então largaram o campo e foram trabalhar nas cidades. Como no campo se era obrigado a trabalhar de 12 a 16 horas por dia, os donos das primeiras fábricas quiseram obrigar os operários ao mesmo regime de trabalho.

Pouco importava que o trabalhador fosse esmagado pela máquina devido ao cansaço. Pouco importava se os operários vivessem desde crianças até a velhice só para a fábrica. Tudo isso sem falar no trabalho das mulheres que também eram obrigadas a permanecer as 16 horas dentro das fábricas.

Aos poucos a paciência dos companheiros daquela época foi se esgotando. A principal reivindicação era a redução da jornada de trabalho.

As vitórias foram aparecendo, pois com a nossa classe organizada ninguém pode. De 16 hs passaram a 15, assim por diante. O objetivo era atingir 8 hs diárias, com o que os patrões não concordavam. Até 10 hs diárias os patrões foram cedendo. Em hipótese alguma admitiam 8 horas. Mas a luta continuava cada vez mais encarniçada.

Como os governos da época eram como os de hoje, isto é, dos patrões, a polícia tinha ordem de atirar para matar.

A BATALHA DE 1886

As greves se tornaram constantes, os choques com a polícia eram inevitáveis. Foi marcada uma greve geral na cidade de Chicago — EUA — a polícia foi novamente chamada pelos patrões. Os operários resistiram. Muitos tombaram. Outros foram presos e depois julgados e enforcados. Era o 1.º de maio. Porém a classe dos patrões foi obrigada a conhecer que foi derrotada. As 8 horas de trabalho foram conquistadas. O 1.º de maio ficou sendo então o "dia da luta", "luta operária". O dia em que os trabalhadores de todo o mundo recebem novo estímulo para continuar a luta.

O QUE ACONTECE HOJE

Para impedir o avanço da nossa luta, a classe dos patrões transformou o 1.º de maio em dia de festa. E isso unida aos pelegos. Além de não trabalharmos para acabar com a festa dos patrões, nós desrespeitamos mais ainda o 1.º de maio, fazendo horas extras durante o ano. Ora, a existência de horas extras foi reconquistada pelos patrões das 12 horas por dia. Tem-se conhecimento que em fábricas como a Volkswagen os companheiros entram as 6,30 da manhã e ficam quase 14 horas dentro da fábrica. Companheiros, vamos fazer o 1.º de maio um dia de luta. Vamos levar o maior número de companheiros a Praça da Sé as 9 hs da manhã para:

- desmascarar os pelegos políticos; exigir a derubada o Arrêcho, da lei de greve, das horas extras;
- nos organizar para expulsar o imperialismo, derubar a ditadura e formar um governo operário e camponês

- promover a maior manifestação de apoio a FLN do Vietnã do Sul na sua luta contra o Imperialismo norte-americano.

SOLANO TRINDADE, UM RETRATO

S. R. AKAMATU

"VOU AMAR ATE' MORRER"

Solano Trindade, o "velho" como é tratado amavelmente por seus amigos, a maioria artistas de Embu, é um batalhador incansável de uma luta serena pela integração social.

Considerado por muitos como um dos mais eminentes pesquisadores do folclore negro e brasileiro, vive de seus sonhos e de seu ideal de igualdade.

Memória fenomenal, bom humor constante, fala clara, fluente, envolvente, é vivo e jovem em seus sessenta anos bem vividos, de desenganos, de alegrias, bem aproveitados e que ele relembra revivendo-os e nos transportando com sua energia interior que não transparece através de sua calma.

Seu espírito curioso e irrequieto buscou Deus em quase todas as religiões, Católicos, presbitero, espirita, teosofista; esotérico, até que: "Deus no acreditou em mim, nem eu nele". E, agora, agnóstico.

Aos 17 anos era diácono presbiteriano e com seu intelecto mágico realizou obras poéticas totalmente voltadas para Cristo, místicas por excelência. Entretanto sua faceta literária iria se projetar, somente após uma brusca mudança de Cristo para as mulheres. Passa a cantar a mulher negra, não por desfeita à branca e sim, por homenagem àquela que julga desprezada.

A poesia do poeta dos negros, pelo estilo, pelos temas, pela construção, é tida como a primeira poesia negra brasileira.

Seus poemas são lamentos, retratos de um mundo, tanto interior, rico e fantasioso, como exterior, pobre e cruel. Muita filosofia, muito protesto, muito romance, pouco subterfúgio para os palavrões, em seus livros, traduzidos em vários idiomas, *Poemas de uma vida simples* e *Cantares de meu povo*. "Nem só de poesia vive o poeta" a ser editado, trará seus últimos anos muito de autobiográfico, será outro sucesso.

"DIGA QUE SOLANO TRINDADE ESTEVE AQUI E NÃO PODE ENTRAR POR QUE É NEGRO"

Dessa maneira, calmo, Solano respondia aos porteiros e ascensoristas das casas de seus amigos brancos, ao ser barrado.

Nunca deixou de ser procurado pelos anfitriões e entrar. Ainda que sentindo várias vezes o peso de um preconceito disfarçado, ao reatá-los não se enerva nem se revolta. Aliás, sua luta racial nunca foi de rebelião e segregação, pelo contrário, sempre foi de esclarecimento e união.

Participou em sua mocidade, de movimentos de reivindicações (FRENTE NEGRA-PERNAMBUCANA e CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA) onde lutava por um soerguimento moral dos negros que segundo ele: "...com vergonha de ser negro, o preto sai de índio no carnaval"

Apartidário em política, sempre preferiu a esquerda embora não tivesse ligações com esta.

Entrou para a Liga de Defesa Nacional pleiteando pela anistia geral e para a Sociedade Amigos da América gritando contra a ditadura quando foi preso. Descrente da política continua sua vida apenas observando e filosofando.

"SENHORA GRAMÁTICA, PERDOAI OS MEUS PECADOS..."

Solano não possui estudos completos contudo é auto-didata e por si próprio já deveria ter recebido seu diploma. Foi jornalista na década de 40, trabalhando no Diário Carioca de Macedo Soares e no Prego de Agostinho Bezerra, em Pernambuco, jornal agressivo e de crítica à Aristocracia recifense e posteriormente, Quartel-General do Batalhão Descalço (capoeiras) do mesmo Agostinho Bezerra, na época de Dantas Barreto.

Em 1935, ele lança-se à pintura Também seu estudo, por pura vocação, torna-se primitivo.

Os quadros são pintados com singeleza, quase infantis. Neles Solano mostra um pouco de folclore, muito do negro e como não poderia deixar de ser, as mulheres. Não há ideias pré-concebidas em suas telas, somente, explosões de um espírito sonhador que há dezoito anos imaginou um teatro novo, o Teatro Popular Brasileiro, que somente agora é compreendido.

Sua primeira peça foi composta de quadros folclóricos, entretanto escreveu outras, dentre elas, *Bumba meu Boi* com Bulhões de Carvalho e *Senzala*. Dentro do grupo é ele, como que um mágico maestro que ao toque de sua batuta tudo se ajeita e o espetáculo surge esplendoroso.

Do teatro, tentou o cinema como coreógrafo e também como ator nos filmes, *Magia Verde* premiado em Cannes, *O Santo Milagroso* e outros.

Finalizando, nada melhor para demonstrar a vitalidade, a fortaleza de espírito, a singeleza desse velho homem, do que sua frase predileta: "Vou amar até morrer".

Francisco Solano Trindade, nascido aos 24 dias de julho de 1908, filho de um artífice e de uma quituteira, em Recife. Poeta, Pintor, Ator, Teatrológico; Folclorista; não e muito reconhecido, por vezes incompreendido e ainda às vezes repudiado é um negro.



TEM GENTE MORRENDO, ANA

A ANA MONTENEGRO

Tem gente morrendo
No sêco Nordeste
Tem gente morrendo
Nas sêcas estradas
Tem gente morrendo
De fome e de sede
Tem gente morrendo
Ana
Tem gente morrendo
Tem gente morrendo
Nos campos de guerra
Tem gente morrendo
Nos campos de paz
Tem gente morrendo
De escravidão
Tem gente morrendo
Ana
Tem gente morrendo
Tem gente morrendo
De angustia e de medo

Tem gente morrendo
De falta de amor
Tem gente morrendo
De odio e de dor
Tem gente morrendo
Ana

Tem gente morrendo
Tem gente morrendo
Nas prisões infectas
Tem gente morrendo
Porque quer trabalho
Tem gente morrendo
Pedindo justiça
Tem gente morrendo
Ana
Tem gente morrendo...
Sim Ana
Tem gente morrendo...

SOLANO TRINDADE

opinião

(entrevista realizada com Raquel de Trindade)

- P. Como Solano Trindade encara a situação dos negros após a morte de Luther King?
- R. Meu pai considerava Luther King como um freio à rebelião dos negros americanos. Com sua morte e ascensão de Carmichael a evolução da luta negra tenderá para a violência desordenada e depredatória. Contrariamente a seus princípios, meu pai concorda que a violência deve ser combatida com a violência, mas que esta deva ser dirigida aos grupos racistas brancos.
- P. E quanto ao poder negro?
- R. Tanto eu quanto meu pai somos da opinião que a luta negra não deva ser pelo poder negro, que além de errôneo em seus conceitos é impossível de ser posto em prática. Consideramos, outrossim, que nossa luta tenha de procurar a igualdade e não a supremacia de raça. Mesmo que os negros conseguissem os três estados ou cidades no Sul, este poder seria sem sentido, uma vez que os negros são americanos, não devem ser segregados e não devem se isolar.
- P. A situação da luta negra melhorará com a recente lei que permite a livre escolha de residência pelo negro?
- R. Essa lei é uma balela. De que vale a lei se o negro não possui condições para comprar uma casa onde desejar. O problema é econômico. Enquanto não houver igualdade de oportunidades, não há lei que possa melhorar a situação do negro.



O & A

Somente o conhecimento da equipe que monta O&A deveria recomendá-lo a todo e qualquer público, já que seu sucesso no exterior ainda esta registrado em nossas memorias. Mas, não somente pelo gabarito do TUCA, como também pelo grande valor, artistico-cultural da peça de Roberto Freire, é que a recomendação deve ser feita.

Trazida a nós dentro de uma mentalidade inovadora em materia de arte, liberta-se de todos os esquemas tradicionais; sem a introdução de personagens ligados a determinados artistas, o que só levar a uma identificação física e psicológica entre ator e figura representada; sem um cenário rígido ligado a circunstancias específicas; — sem os efeitos do vestuário na interpretação do conceito, pois, não há localização no tempo. Visando a eliminação dessas influencias e a um aumento no poder de comunicação e penetração junto ao público, O&A é realizada sem um unico dialogo, através de filmes, diapositivos e movimentação humana aliada às vogais O e A.

O representa tudo que é nocivo a todos nós, ou se-

ja, o dominio de uma classe sobre outra; a falta de nacionalismo de certos individuos que defendem interesses alheios (representados pelos conhecidos gorilas), o capital não-nacional que deles se vale, o esquema de repressão às liberdades posto em pratica pelas oligarquias.

A — ros imprime a mensagem de luta que deve ser concretizada contra os padrões estabelecidos.

O e A mostra, desde o inicio, o unico caminho não passível a todos, a alienação aos problemas genericos e especificos, colocando a opção entre duas unicas posições cabíveis de serem assumidas. Mostra as classes dominantes no cumprimento de seu papel de amordacamento, nas manifestações populares, com seus atos repressivos e atentatorios às liberdades de consciencia e ação, devendo-se notar, ao assistir ao espetáculo, a relação intrinseca demonstrada, rapida e quase que imperceptivelmente, entre tais classes e os padrões religiosos. Mostra a penetração do capital não-nacional que leva à submissão e ferimento dos sentimentos patrios, vista através de slides que re-

tratam tal situação de maneira feliz.

Ao final, o grupo dos A (ou seja, da luta contra aqueles valores sociais, economicos, e culturais que são defeituosos e carentes de justiça), engrossado e tornado mais atuante através da tomada de consciencia dos individuos alheios aos problemas primordiais, é subjugado pela violencia dos padrões repressivos. Esse final deixa-nos um vazío, um cenário sem atores, vazío esse que deve ser preenchido: nós teremos de ser A.

Em suma, O&A nos traz mensagens atualissimas de problemas que, em realidade, nos são enfocados cotidianamente; deve ser assistida porque:

- a) é intensamente atual
- b) traz-nos questões amplamente claras do status-quo social, economico e cultural
- c) leva-nos a uma tomada de consciencia ante tais fatores
- d) é um novo tipo de comunicação que deve ser conhecido por todos e, mais ainda, por universitarios.
- e) é realizado por uma turma que, de per si nos é indicada: TUCA.

OSMAR BOTTA

ARTE VEM DO EMBU

A comunidade artistica do Embu representada pelo grupo teatral, Teatro Popular Brasileiro, sob o comando de Solano Trindade, promoverá várias solenidades em comemoração ao octogésimo aniversário da libertação dos escravos. Nos dias quatro e cinco de maio apresentou em Embu, respectivamente, Bumba meu Boi e teatro folclórico variado de autoria de Solano Trindade e Bulhões de Carvalho. No dia 13 de maio, levará ao Teatro Municipal de São Paulo, a peça "Senzala" do referido artista. Este texto, inédito no Brasil, representou nosso país no Festival de Varsóvia em 1955. Na mesma época foi admirado em Praga, Belgrado, Paris, Itália e Espanha.

A PEÇA

"Senzala" mostra um retrato da situação escrava nas senzalas. Agrega um conjunto de quadros de pesquisa folclórica que se enredam, livres de uma narrativa hermética. Exprime, mais do que uma maneira de pensar, o sentimento do autor, que não o leva ao protesto mas ao lamento, a uma atitude de incompreensão face a existência de situações humanas comparáveis ao preconceito racial.

Grande parte da compreensão da peça deve-se a mimica evitando-se a insuficiência da palavra frente a expressões de sentimentos e emoções mais profundos.

A peça é complementada por musica de Capiba na voz do Coral Lira, com coreografia de Licia e Marlene Nascimento, duas componentes do grupo teatral.

O TEATRO

O teatro popular brasileiro nasceu com muita dificuldade em 1950, graças ao esforço e idealismo de Solano Trindade, Maria Margarida, Aloisio do Vale, Edson Carneiro e Oliveira e Silva.

No início não foi bem recebido, um novo tipo de teatro que apresenta quadros folclóricos autênticos nos moldes de "Senzala"

Há desde então um grande numero de peças, já representadas, Candomblé do Caboclo, Macumba, Jongo, A Leprosa e Omulu, Frevo, Cafezal, Feira do Nordeste, Maracatu, Dança do Palhaço da Folia de Reis, Negra Fulô e Oxum virá.

Hoje o Teatro Popular Brasileiro representa uma promoção do folclore e um estímulo a seu estudo.

SEBASTIAO

Diferente



I
G
R
E
J
A

PODER POLÍTICO
MUDANÇA RADICAL

Esta foi afirmação de Richard Schaul professor ecumênico em Princeton, USA, quando se dirigiu a 2 mil delegados dos USA, América Latina e Europa do CICOP, reunidos no seu V Encontro, discorrendo sobre "A perspectiva teológica na libertação humana"

O dr. Richard Schaul elogiou a "nova geração" da América Latina a qual "está destinada a construir nova base política para a criação de uma nova ordem social. No entanto os esforços da juventude no sentido de promover uma reconstrução social e um desenvolvimento económico, têm sido muito frustrados, por uma estrutura de poder privilegiada. O que é ainda pior, é que esses jovens católicos convenceram-se que o uso do poderio económico político e militar norte-americano é a principal força que sustenta a velha ordem e bloqueia a criação de uma nova. O resultado final é muito simples: para um momento das condições de vida desses povos há somente uma esperança, a organização de movimentos de libertação nacional, armados envolvendo grandes sacrifícios e derramamento de sangue.

Nesses últimos meses fiquei surpreso em descobrir a quantidade de grupos protes-

tantes e católicos que chegaram a esta conclusão depois que todos os seus esforços para trabalhar por esta mudança através de meios políticos, foram sistematicamente destruídos. O dr. Schaul constatou também, que no passado a Igreja vinha sendo baluarte dos "status quo" mas aquela corrente que ignorava a responsabilidade cristã para o desenvolvimento está trazendo o vislumbre de uma nova era.

A grande maioria do povo "está com razão horrorizada" pelo derramamento de sangue que as guerras de guerrilhas provocam e a única alternativa é a formação de uma força cristã catalizadora. A única possibilidade que vejo, é se os cristãos e a Igreja pudessem tornar-se uma força catalizadora no desenvolvimento de um novo tipo de oposição para as atuais direções e estruturas de poder. Isto significa aceitar todos os riscos que envolveriam a criação de grupos de pressão que tentariam romper a situação legal; confrontar as formas presentes de dominação; insistir numa liberdade para construir um poder político de camponeses, operários e estudantes; apoiar os estudantes e os líderes trabalhistas, os intelectuais e os padres que agora estão trabalhando por uma nova ordem.

Isto não seria uma tarefa fácil nem agradável; pode não ter muita chance de ser bem recebida, mas poderia abrir a possibilidade para um renascimento de esperanças na luta política, para uma reconstrução social, e eu vejo nada que possa ser de maior importância para a América Latina no atual momento.

O dr. Schaul terminou insistindo para o povo dos Estados Unidos forme pequenas comunidades a fim de que possa servir ao mundo, engajando-se num intenso esforço intelectual e político para transformar a sociedade dos Estados Unidos e suas relações exteriores. Disse ainda que "é necessário nada mais do que uma crítica radical da nossa sociedade, o desenvolvimento de novas bases do poder político para uma mudança radical e uma crescente formação de uma nova opinião da política estrangeira. Somente quando tudo isto acontecer, é que podemos esperar como uma nação, compreender e ajudar as novas forças da América Latina, encorajá-las e permitir o desenvolvimento das suas estruturas económicas e políticas de um modo mais adequado à situação delas e um controle do modo de como o capital privado norte-americano opera no exterior.

(Boletim Telepax — ano VI, n.º 5, 6.2.1968).

N
O
V
A
V
I
S
Ã
O

CUBA

Quatro Padres fazem uma proclamação anti-imperialista

Quatro padres católicos participaram da Conferência de Havana, de 4 a 11 de janeiro, com 470 intelectuais de 70 países, para analisar e combater as formas culturais do imperialismo.

Guzman, colombiano, amigo de Camilo Torres, falou sobre Igreja e Revolução; Zaffaroni, uruguaio, Escobar, mexicano e Blanchard, dominicano francês, foram convidados em vista de suas competências específicas.

Os quatro padres se declararam convencidos de que a fé cristã implica:

— que o imperialismo constitui atualmente, e particularmente no 3.º mundo um fator de desumanização que destrói os fundamentos da identidade individual e livre manifestação da cultura que impede as formas autênticas do desenvolvimento humano e que favorece as situações de subdesenvolvimento sempre mais agudo e opressor;

— que embora as divergências existentes entre cristianismo e o marxismo sobre interpretação do homem e do mundo, é o marxismo que faz a análise científica mais exata da

realidade imperialista e dá estímulos os mais eficazes para a ação revolucionária de massas;

— que a fé cristã implica um amor posto a serviço eficaz de todos e de cada um dos homens;

— que o padre Camilo Torres, morrendo pela causa revolucionária, deu o melhor exemplo de intelectual cristão engajado com seu povo.

Mais: estas suas convicções os levaram às seguintes conclusões:

— Nós nos engajamos na luta revolucionária anti-imperialista, até as últimas consequências, com o fim de obter a libertação completa do homem e de todos os homens.

— Por isso, condenamos o bloqueio económico e cultural que o imperialismo norte-americano estabeleceu contra a República de Cuba

— condenamos a guerra dos Estados Unidos ao Vietnã como o mais monstruoso dos atentados à liberdade dum povo do 3.º mundo pelo imperialismo; nós repudiamos toda forma de colonialismo, como produto do imperialismo alienante e desumanizante. (Informations Catholiques Internationales, n.º 306, p. 9).

AMÉRICA LATINA

O problema não é mais a revolução, mas a violência

"Qual a posição dos líderes católicos da América Latina a respeito da revolução? Um grande número pressente que é possível chegar a uma mudança rápida sem violência; mas para outros, a violência é a única via. A diferença é que não é tanto um problema de ética mas um problema de tática"

Esta declaração foi feita num colegio de Filadelfia, nos Estados Unidos, por D. Marcos McGrath, Bispo de Santiago de Veraguas, Panamá, e 2.º vice-presidente do Conselho Episcopal Latino Americano.

Muitos católicos, explica o Bispo, se engajam sempre mais em favor duma mudança e duma revolução: eles são levados a isso pelos últimos ensinamentos pontifícios. O C.E.L.A.M., por sua vez, tem feito muitas declarações apelando, elas também "à uma verdadeira revolução sem violência"

Mas, por violência, certos cristãos compreendem "não somente a destruição e a morte provocadas pelas guerrilhas ou os combates de rua, mas também a violência silenciosa da fome, da subnutrição, da doença, que mata cada dia e cada noite milhares de inocentes através do continente. Apoiados por estas premissas, eles se põem de lado dos da revolução armada"

"Nós já temos a teologia da revolução, precisa o Bispo, graças à encíclica "Populorum Progressio", entendendo este termo revolução como a busca de mudanças rápidas e radicais nas estruturas económicas e sociais. Mas do que necessitamos, é duma teologia da violência que defina aquilo que é legítimo e aquilo que não o é"

"A violência pode destruir numerosos valores humanos de uma maneira permanente. Isto é um problema de consciência. Eu não conheço nenhum país da América Latina, onde eu posso dizer que a violência seja justificada, mas eu não conheço toda a América Latina"

Sobre a Guatemala, o Pe. Thomas Melville, suspenso das funções eclesíasticas por se ter oposto a voltar para os EE.UU., foi mais explícito numa carta datada do México, dizendo que as condições "de tirania evidente e prolongada" evocadas pela Enc. Populorum Progressio estavam acontecendo na Guatemala e que justificariam um recurso à violência insurreccional. Esta afirmação o padre faz, apoiado também por outra existente do episcopado, publicada no ano passado. (Informations Catholiques Internationales, n.º 307, p. 14).

Vai aqui o 1.º de uma série de artigos sobre "Iconografia Russa", de autoria de nosso colega Paulo Dal-Ri Peres, que também é aluno de Estudos Orientais, da Filo-USP.

INTRODUÇÃO

Bizâncio, Constantinopla, Istambul, são nomes de uma mesma cidade, cuja força e vida livre permaneceram constantes durante toda a Idade Média.

A arte que convencionamos chamar bizantina é a arte do período em que a cidade era chamada Constantinopla, fundada por Constantino, no mesmo local da antiga colônia grega de Bizâncio, destinada a ser a capital do Império Romano do Oriente. Na Istambul atual, nome que recebeu após ter sido conquistada pelos turcos em 1453, há raras representações desta arte, do quilate de uma Santa Sofia.

Mas sua esfera cultural, seu campo de influência, devido às expansões bizantinas vai abranger um espaço imenso e seus modelos pictóricos, sua arte enfim, vão se espalhar das estepes da Rússia, passando pela Jugoslávia, Bulgária, etc. até à esplêndida Itália, na maravilhosa cômte de Ravena.

Assim, as obras que foram destruídas pelos iconoclastas, impe-

de para nós inconcebível o porque desta quase idolatria icônica, por parte dos russos e dos bizantinos de outrora. Mas os ícones e seu significado intrínseco estavam tão enraizados na crença e alma populares e aliado a milagres, que lhes são atribuídos que podemos disto encontrar uma justificativa de certo modo aceitável para esta adoração.

Os ícones são representações de Cristo da Virgem e dos Santos, geralmente em proporções não muito grandes, em forma de tela, onde são empregados os materiais mais diversos, desde tintas, até ouro, filigranas, esmaltes e pedras preciosas, e que em uma época posterior recebeu uma guarnição de metal, quase sempre a prata, que detinha descobertas apenas o rosto e as mãos.

Estes ícones tiveram tanta importância em Bizâncio, que inclusive ocorreu uma luta interna, entre partidários dos ícones, e seus adversários, que se uniram em dois grupos antagonistas: o filioicônico, isto é, favorável aos ícones, e o iconoclasta (destruidor de imagens).

É o que chamamos "a luta iconoclasta". Para ressaltarmos a importância da iconografia entre o povo destas porções do Oriente, faremos um relato superficial desta luta no decorrer do trabalho.

Na Rússia a pintura dos ícones vai se aperfeiçoando, se refinando, até que os discípulos dos mestres bizantinos apresentam obras que já atingem um estágio, onde o quadro transparece uma graça infinita, uma ideia de leveza e uma magestade como é o caso da

ICONOGRAFIA RUSSA

didadas de seguir sua linha de evolução sob o jugo dos turcos, irão constituir parte da arte de todos estes países, que hoje nos fornecem a documentação artística necessária para reconstruirmos o enorme patrimônio cultural daquela metrópole do Bósforo.

A Rússia, herdeira cultural de Bizâncio cuja capital, Moscou iria orgulhosamente se denominar a Terceira Roma evitando uma nova solução de continuidade ao fio da História, que se rompera na queda de Roma e depois na de Bizâncio, e cujos soberanos se denominavam tzares (versão russa de cesares) é uma das principais fontes da arte bizantina.

Vemos que na Rússia desenvolveu-se muito a iconografia de origem bizantina, talvez devido ao espírito místico do povo, profundamente convertido à ortodoxia, que via nos ícones a representação gráfica de sua imaginação fértil, rebuscada e orientada segundo a contemplação religiosa.

E os ícones tiveram tanta importância que ainda hoje, visitando uma igreja ortodoxa, notamos como sua presença constitui o nosso alto, a própria personalidade, o elemento constituinte mais notável desta igreja, ao lado de suas cúpulas.

Os ícones são as vestes de gala, o brilho, o luxo, a representação gloriosa do triunfo da ortodoxia, destes edifícios, que são em si mesmos, despojados de todos estes ornamentos, realmente construções bem simples.

"Trindade" de Andrei Rubliov.

Queremos frisar que o reconhecimento da "iconografia russa" como arte é uma conquista muito recente e que o desenvolvimento dos estudos a propósito desta arte nos promete, para o futuro um campo maravilhoso de pesquisa e deslumbramento ante as maravilhas de sua análise, que ainda estão por vir.

No entanto, os museus de todo o mundo apresentam pouquíssimos exemplares icônicos. Só depois de retiradas as guarnições de metal e terminado um enorme trabalho de restauração, estas obras puderam ser admiradas, em todo o seu valor artístico.

Mas, como bem podemos concluir, a iconografia russa será melhor divulgada no futuro; tudo indica que esta é a tendência moderna de encará-la, e sua enorme importância, como fator psicológico na influência do pensamento popular será explicada como detalhes mais esclarecedores.

Consideramos como ícones, não apenas as pinturas em madeira, leves e fáceis de transportar, devido ao tamanho reduzido mas também os afrescos, mosaicos etc., desde que abordem temas religiosos.

É nossa intenção salientar a admiração que nos causaram estas pinturas, procurar explicá-las de acordo com o nosso gosto artístico, frisar sua influência perante o povo simples e expressar nossos maiores desejos de que sejam melhor divulgadas.

Fora Méc-Usaid

Politica Universitaria

PASSEATA

S. R. AKAMATU

Abril foi um mês de protestos e revoltas, onde os estudantes e os operários saíram a rua para protestar contra a morte de um companheiro, outros contra a falta de salário para uma vida decente além de uma denúncia de um governo ditatorial.

No meio estudantil tornou-se evidente as dissensões partidárias internas e um processo estranho o (M. E. se auto-injuriou).

Esfriado manhosamente pelo governo do Estado que não reprimiu com violência, pelo menos evidente, e esperou a Semana Santa que pôs termo nesse começo de rebelião atizada pela crise do Colabouço.

Contudo, se em São Paulo, não houve pancadaria e atos de violência maiores, no Rio, Brasília, Belo Horizonte e outras cidades, o governo interveio com uso de força bruta tentando silenciar seus acusadores.

De lado operário, uma passeata foi levada a termo em Santo André com participação

de estudantes, falando na oportunidade um dos representantes de uma facção do M. E.

Se as passeatas serviram para evidenciar problemas que atingem a população e permitem na extrapolação dos dados atuais concluir a que caminho conduzem, mostrou também que o M. E. está pronto a se romper e isto acontecerá se não se libertar de injunções políticas que dele se vale.

Ao M. E. cabe uma luta honesta, aberta, intensa e sobretudo unida para a correção de uma estrutura social deformada, aborto de um processo capitalista, de um sistema subdesenvolvido.

E' do M. E. a função de formar o conceito mais universal do indivíduo que não é um ser isolado, mas uma pessoa dentro de um contexto maior, que é a humanidade.

Sem esse conceito de universalidade humana, no há solução verdadeira para o problema, seria apenas mudar a coleira do cão.

Os MFDV, os acontecimentos de abril e a Lei da Militarização

No número anterior dedicamos toda a última página ao problema da militarização do ensino na Escola Médica, Falamos exaustivamente da lei de militarização para o MF, DV e da Operação Rondon, que também é uma lei de militarização em seu conteúdo político, porém disfarçada sob uma linda viagem a regiões longínquas do país.

A morte de Edson Luis, bem como os acontecimentos que se seguiram serviram para denunciar claramente o regime ditatorial sob o qual nos encontramos.

A ditadura de uma minoria esmagando a imensa maioria do povo brasileiro não hesitou em matar o estudante e em assassinar e ferir muitas outras pessoas nas manifestações de protesto que se seguiram.

Na Guanabara chegou-se ao cúmulo de fazer uso da cavalaria para investir de sabre em mão contra pessoas que estavam assistindo a uma

simples missa póstuma.

Eis aí, pois, para que servem as forças armadas. Para sustentar com assassinatos uma ditadura assassina. Para impedir qualquer manifestação contra a ditadura opressora a serviço do imperialismo americano.

Tendo todos os acontecimentos de abril em mente, podemos refletir sobre o real significado de servir ao exército depois de formado. Prestar serviço militar significa compactuar com a minoria opressora, significa compactuar com a ditadura assassina, significa compactuar com o imperialismo ianque.

Eis porque mais do que nunca, nós, futuros médicos farmacêuticos, dentistas e veterinários devemos nos organizar em torno de nossas entidades livres — Cas, DEEs, UEEs, UNE — para derrubar essa lei cujo objetivo é, em última análise, contribuir para o esmagamento do povo brasileiro.

EXPERIMENTAL

Pois é colegas, eis que finalmente iniciaram-se as aulas do experimental!

Depois de marchas e contra-marchas consumou-se aquilo que em alguns momentos nos pareceu bastante difícil pudesse acontecer ainda este ano: a instalação do curso experimental de medicina da USP.

Houve instantes em que aqueles que acomodarham de perto o problema eram capazes de jurar que todos os santos que, de fato, e verba para o funcionamento do curso havia saído, entretanto, momentos depois, após uma conversa com alguém melhor informado ficava-se sabendo que a dita cuja ainda "passava pelos trâmites normais da secretaria da fazenda". Aliás, esta dificuldade não é de maneira alguma um fato

isolado dentro do atual estado de coisas, mas sim consequência lógica das diretrizes seguidas por um governo dominado por interesses para os quais seria fatal a elevação do nível cultural do povo que exploram.

E' imprescindível para esses interesses que o Brasil continue a ser um país de oitenta milhões de excedentes, e é em vista disto que podemos olhar a instalação do Experimental como uma vitória, se bem que altamente parcial, pois resolveu o problema de 50 enquanto existem milhões esperando por vagas e melhores condições de ensino.

Foi uma luta pequena, porém, grande o suficiente para que todos dela participássemos e saíssemos vitoriosos. Não foi uma vitória de 50 foi uma vitória de todos os cole-

gas que, individualmente ou através de seu órgão representativo, o CAOC, emprestaram seu apoio aos colegas do experimental e, pedindo permissão para falar em nome de meus colegas, digo mais: Foram os melhores votos de boa vinda que poderíamos ter recebido.

Devemos ter bem flagrante o exemplo dos colegas de Botucatu que só esse ano conseguiram do governo parte do material necessário para o aparelhamento de seu hospital; dos colegas da veterinária cujos objetivos de luta são bastante conhecidos de todos. Estes exemplos devem fazer-nos pensar sobre o assunto e tomar consciência da luta que teremos que travar todos unidos nos anos que se seguirão e na qual objetivaremos superar as dificuldades naturais

de um início de curso, que serão multiplicadas n vezes pela política governamental; nesta luta, temos certeza, contaremos com o apoio da comissão organizadora do curso, pois são os mesmos, os nossos objetivos.

Porém, é fundamental que não nos esqueçamos de que este tipo de luta é de efeitos parciais e locais, é uma luta que, mesmo quando bem sucedida, resolve problemas de uma minoria, em suma: é uma luta particular da qual não se põe em dúvida a necessidade mais sim o seu alcance em termos de um contexto geral. Não podemos nos enganar a ponto de dar mais importância do que ela merece, trata-se de algo necessário mas não suficiente.

É numa luta de alcance universal que devemos concen-

trar grande parte de nossos esforços. E' a luta por liberdade que devemos nos entregar, mas liberdade mesmo, não só aquela que nos permitia protestar contra o que julgamos errado sem termos reprimidos, mas muito mais; lutaremos pela liberdade que arrancará os milhões de brasileiros da miséria em que chafurdam, aquela que lhes trará liberdade econômica e com ela condições humanas de vida.

É a esta luta que nós os convocamos, e o fazemos muito particularmente aqueles que julgam serem outras suas obrigações como estudantes, apelando então por seus deveres de indivíduos que são e como tal, também responsáveis pelos atos das marionetes que detem o poder.

Norberto

Pague o CAOC



COLUNA LIVRE COLUNA LIVRE

A finalidade desta seção é promover maior participação dos alunos na elaboração do jornal. As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as nossas, podendo ser inclusive frontalmente contrárias.

A REDAÇÃO

MANIFESTO

Colegas

Ao sermos convidados para escrevermos nesta seção, resolvemos transcrever o nosso manifesto relativo a Assembléia de 28-3-68.

Nesta tarde tivemos a ocasião de nos sentir perturbados diante do que presenciámos na sala do sono.

Parece-nos que havia qualquer pretensão em se realizar uma Assembléia Geral de acordo com o regimento interno das Assembléias Gerais da CAOC, porém, o que presenciámos foi bastante semelhante ao que se vê de vez em quando num "MERCADO".

Para esclarecimento dos colegas, principalmente os mais jovens, vimos por meio deste chamar a atenção para alguns artigos do referido regimento, que nos pareceram ser pouco conhecidos ou mesmo desconhecidos, inclusive pelo que se chamava de "mesa", na ocasião:

CAPITULO I — DA MESA

Secção I — Da Composição

art. 1.º — a mesa compõem-se de 3 (três) membros: um presidente e dois secretários...

Secção II — Do Presidente

art. 2.º — ao presidente compete além do estabelecimento no presente R. I.

I — ..

II — MANTER A ORDEM NAS SECÇÕES

IV — RESOLVER SOBERANAMENTE TODAS AS QUESTÕES DE ORDEM

VI — SUSPENDER A SECÇÃO QUANDO NECESSÁRIO PARA A GARANTIA DA ORDEM NOS TRABALHOS

Secção IV — Do Secretário "ad hoc"

art. 6.º — ao secretário "ad hoc" compete:

IV — controlar o prazo permitido aos oradores quando estes fizerem uso da palavra

CAPITULO II — DAS SESSÕES

Secção II — Do expediente

Art. 10.º — aberta a sessão o presidente passará a palavra ao primeiro secretário que procederá a leitura da ATA da sessão anterior, que será discutida e votada.

CAPITULO IV — DOS REQUERIMENTOS

Secção I — Do requerimento verbal

§ 1.º — o sócio poderá pedir a palavra "pela ordem", para fazer reclamações quanto a aplicação do Regimento Interno;

§ 2.º — questão de ordem é toda dúvida levantada quanto à interpretação do R. I.

CAPITULO V — DAS DISCUSSÕES

Secção I — Dos Oradores

Art. 21.º — o orador não poderá:

- I — deixar de atender às advertências do presidente;
- II — desviar da questão em debate.

§ único: o presidente da mesa cassará a palavra do orador que não respeitar as disposições deste artigo.

Secção II — Dos Apantes

Art. 23.º — não caberão apantes:

IV — quando o orador estiver suscitando questão de ordem, falando pela ordem ou pedindo esclarecimento

CAPITULO VII — DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITORIAS

Art. 32.º — o presente R. I. só poderá ser modificada, total ou parcialmente, em Assembléia Geral convocada especialmente para esse fim.

Assim, que valer se poderia dar às conclusões chegadas em tal "Assembléia"?

Por outro lado sentimos-nos realmente deprimidos, constatando que alguns colegas abusem do bom sentimento que uniu mais uma vez os alunos desta Faculdade, que se revoltaram, aliás mui logicamente, contra a barbaridade ocorrida no Rio, para fazer politicagem.

Aliás, isto não aconteceu somente aqui, pois no Rio de Janeiro, durante o transporte do corpo do jovem colega, foi apedrejada a Embaixada dos Estados Unidos.

Não cremos, deste modo que o nosso movimento deva ser GREVE ou "POLITICAGEM", mas sim, um movimento autêntico visando a melhor reparação possível desta morte e principalmente para impedir que no futuro ocorram fatos semelhantes.

CASA DE ARNALDO, 29-3-1968

- (a) Ulysses Dória Filho
- (a) Luiz Plínio Moraes de Toledo

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	DIA após DIA			

terapêutica penicilínica CONTÍNUA
com NIVEIS PROTETORES

suspensão pronta para injetar

BENZETACIL

máxima performance de níveis penicilínicos ULTRAPROLONGADOS com apenas UMA INJEÇÃO

1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 3 BENZETACIL PEDIÁTRICO 300.000 - níveis até 3 dias

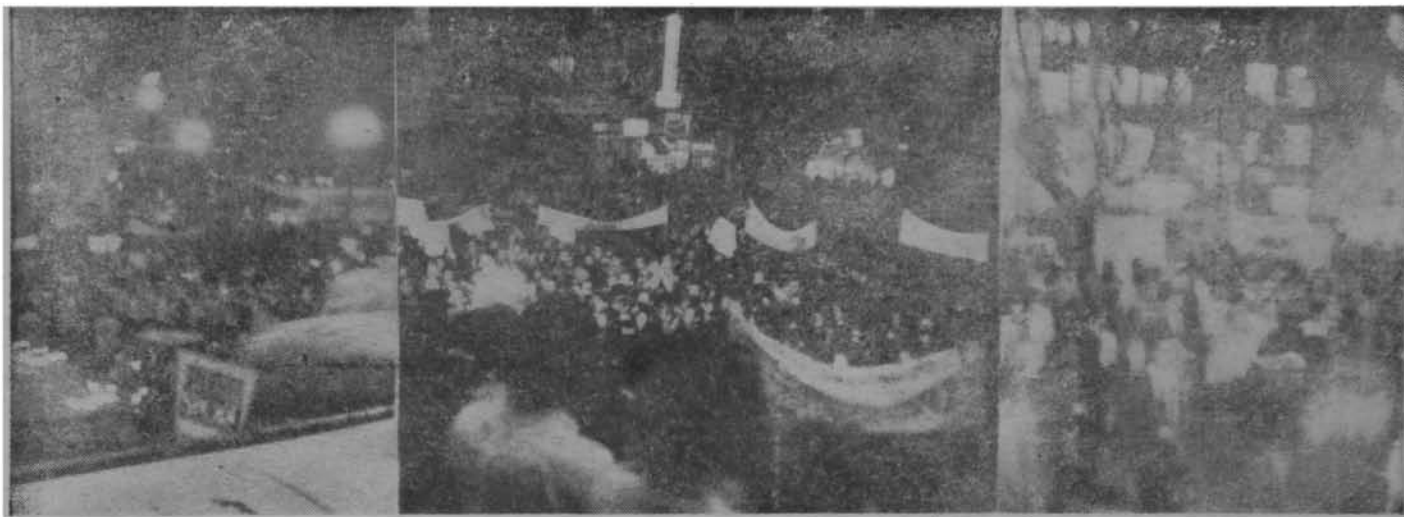
7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 BENZETACIL 600.000 - níveis até 6 dias

1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 BENZETACIL 1.200.000 - níveis até 14 dias (profilaxia e tratamento da febre reumática e profilaxia do tétano)

1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 BENZETACIL 2.400.000 - níveis até 28 dias (específico no tratamento da sífilis, boubá e outras treponematoses)

- PRONTA PARA USO - economia e conforto
- SEGURANÇA - menor possibilidade de reações alérgicas
- GARANTIA - níveis ultraprolongados

F-11 Fontoura-Frati S.A.
Plano de governo em articulação ao Brasil



Passeatas

Em abril, o M. E. saiu às ruas. Aliás, não só os estudantes, como também intelectuais, artistas, e trabalhadores em geral. Enfim, o povo saiu às ruas. Para protestar contra a ditadura que assassinou o colega Edson Luís, na Guanabara, quando participava de uma reivindicação justa no Restaurante do Calabouço, contra o aumento do preço das refeições; contra a ditadura que impede os intelectuais e artistas de se expressarem livremente; contra a ditadura que mata

O QUE O POVO PENSA

O que o povo pensa;

O povo das gerais do Estádio do Pacaembu em jogo Corinthians. Foram entrevistadas 100 pessoas e a cada uma delas feitas as seguintes perguntas:

1.a) O senhor considera que os estudantes estão certos promovendo passeatas de protesto contra o governo e a situação brasileira, ou pensa que eles deveriam se preocupar apenas com o estudo?

2.a) O Brasil está sendo bem governado?

3.a) Se o Brasil não está bem governado o que o senhor julga de errado e o que o povo pode fazer para melhorar?

Dos 100 entrevistados, 17 recusaram-se dar respostas as perguntas.

Dos 83 restantes segue-se o cômputo das respostas

1.a) 70 deram razão aos estudantes

8 não souberam opinar

5 disseram que os estudantes não devem se meter em política.

2.a) 58 responderam que o Brasil não está bem governado.

15 que está bem governado

5 encontraram partes boas e más no governo

5 omitiram-se

3.a) 53 dos 58 descontentes responderam simplesmente que o governo deve ser conduzido por civis. A pergunta complementar sobre de que maneira os civis poderiam retornar ao poder 38 optaram por pressão popular e 15 preferiram aguardar a ação de políticos.

15 escolheram governo militar mais liberal

2 apenas dos entrevistados, um electricista e um funcionario publico declaram em resposta à 3.a pergunta, que se deve mudar as bases da sociedade através da união e ação coordenada de estudantes, operários e os próprios militares.

Observação.

A maioria dos entrevistados constituiu de assalariados, sobretudo operários, bancários, auxiliares de escritório, e funcionários públicos. Foram ouvidos, ainda, 4 estudantes, 1 de medicina de Florianópolis, 2 vestibulandos de economica e um secundarista.

o povo diariamente, a conta-gotas, com salários de fome, e que através de leis de greve e da própria repressão direta impede os trabalhadores de protestarem.

Por tudo isto, o povo saiu às ruas: Duas passeatas em São Paulo, uma em Santo André, outra em Osasco. A mais sensacional, foi a de Santo André, organizada e liderada por operários, sem participação, de pelegos, de frente ampla ou de MIA. Um nível politico muito bom, denunciando a ditadura e o imperialismo, e conclamando todos a se organizarem para a luta contra o inimigo. Essa passeata foi "podada" pela ala do M. E. que aceita as posições do Dircei (Nova UEE) embora ele oportunisticamente tenha comparecido e falado em nome dos estudantes de São Paulo. Deploravel este boicote; afinal, só deixa de comparecer a uma manifestação de tal importancia quem não tem compreensão de seu conteúdo politico.

Durante as passeatas e outros atos publicos ficou ainda mais patente o caracter ditatorial do governo, reprimindo violentamente, matando mais gente e prendendo varias pessoas.

Merece registro a atitude demagogica do governador Sodré, que impediu a repressão violenta para se fazer bonzinho, mas prendeu estudantes e jornalistas em surdina depois da passeata de Santo André.

Contra isto se manifestou tambem o M.E. realizando manifestações em frente ao quartel onde estavam os presos distribuindo panfletos e realizando comicios relampagos por toda cidade.

Um fato muito importante que caracterizou as manifestações foi a consciencia de que elas não derrubariam a ditadura, como se pensava nas passeatas de 66. As passeatas foram apenas um protesto publico, uma denuncia, e havia a consciencia de que o inimigo só cairá depois de uma luta prolongada, e de que esta luta deverá ser feita pelos trabalhadores da cidade e do campo. O M. E. se situa como força auxiliar, servindo para promover um desgaste da ditadura e do imperialismo, na medida em que localiza o conteúdo politico de suas lutas especificas e coloca o estudante na perspectiva das classes trabalhadoras.

Com a semana santa houve certa regressão do movimento, mas o saldo foi positivo, pois ficou claro para todos o caracter ditatorial do governo, voltando a turma mais disposta a se organizar e realizar um trabalho real de desgaste da ditadura e do imperialismo.

